GERAÇÕES / BRASIL

BOLETIM DA SOCIEDADE GENEALÓGICA JUDAICA DO BRASIL

MAIO 1996 | Outono / Fall | Volume 2 n° 2

Editores
Guilherme Faiguenboim, Reuven Faingold e Alain Bigio

Correspondência
Rua Jardim Ivone, 17 # 23
04105-020 São Paulo SP Brasil
faiguen@ibm.net
http://www.lookup.com/homepages/82259/sgjbpage.htm

15º Seminario Internacional de Genealogia Judaica em Boston

Boston Park Plaza Hotel, de 14 a 19 de julho de 1996

Organizado pela Jewish Genealogical Society of Greater Boston
P.O.Box 610366, Newton, MA 02161-0366, USA
phone: 617-283-8003; http://www.jewishgen.org/seminar.html

Mais de 50 reuniões e palestras já programadas, destinadas a todos os níveis, desde principiante até o profissional.

Alguns dos conferencistas

- Jerome Anderson (Canadian Census Records)
- Nancy Arbeiter (workshop para iniciantes)
- Alexander Beider (nomes próprios ashkenazim, tendencias e peculiaridades, séculos 11 ao 19)
- Harry Boonin (como publicar a história da sua família)
- Jeff Cymbler (pesquisando em cemitérios da Polonia)
- Dick Eastman (CompuServe Genealogy Forum)
- Dr. Michael Feldberg e Ellen Smith (Sociedade Histórica Judaica Americana)
- Judith Frazin (como usar os arquivos mórmons e traduzir documentos vitais poloneses)
- Chaeran Freeze (Ucrania e os arquivos com dados vitais dos judeus)
- Ted Gostin (como usar Listas Comerciais Russas)
- Walther Hickey (registros de naturalização)
- Bruce Kahn (fontes de Genealogia Judaica dentro da Internet)
- Susan King (fundadora do JewishGen, o endereço dos computadores dos genealogistas judeus)
- Frank Leister (criador do software Reunion, o best-seller do momento)
- David Mishkin (a fotografia na genealogia)
- Gary Mokotoff (editor de Avotaynu e criador do Jewish Gen. Family Finder)
- Richard Panchyk (casamento e migração de judeus da Austria-Hungria no século 19)
- Yale Reisner (diretor do Instituto Histórico Judaico de Varsóvia)
- Jayre Roberts (da LDS Family History Library, mórmon, e o projeto de indexação dos arquivos de Ellis Island e a microfilmagem na Europa Oriental)
- Arline Sachs (o Projeto Internacional dos Cemitérios Judeus)
- Jonathan Shea (traduzindo documentos russos)
- Lawrence Tapper (arquivos no Canadá)
- Miriam Weiner (pesquisando na Ucrania, Bessarabia e Galícia)
- Bob Weiss (presidente da Association of Jewish Genealogical Societies)
- John Whittaker (bancos de dados genealógicos em CD-ROM)
- Neil Rosenstein (dinastias rabínicas)
- Sallyann Amdur Sack (como pesquisar em Israel)
- Eileen Polakoff (estudando imigrantes)
- Chaim Shapiro, Rabino da Sinagoga Touro (a odisséia sefaradi: de Granada a Newport)
- Stephen Birmingham (autor de Our Crowd e The Rest of Us)

Locais de pesquisa

- American Jewish Historical Society (mais de 40 milhões de manuscritos)
- Brandeis University Library (Yizkor Books, enciclopédias judaicas, jornais locais antigos)
- Hebrew College Library (100.000 livros sobre Judaica)
- Jewish Cemetery Association of Massachusetts (60.000 túmulos em mais de 100 cemitérios)
- National Archives New England Region, Massachusetts State Archives, Massachusetts Registry of Vital Records, Boston Public Library, New England Historic Genealogical Society (mais antiga dos EUA), LDS Family History Centers, MIT Map Room, etc.

Recursos no local do Seminário

- Apresentação de Software Genealógico e outros acessórios
- Bancos de Dados (Projeto Internacional dos Cemitérios Judaicos, Russian Era Indexing of Poland Project, Diretório dos Yizkor Books, Listas Telefonicas, Jewish Family Finder e People Finder
- Biblioteca da Sociedade Genealogica de Boston
- Agenda aberta para grupos-de-interesse se organizarem e reunirem
- Passeios turísticos para você e sua família

É fundamental saber ingles. O idish e o hebraico não são usados nos seminários internacionais.

Memórias da Família Zveibil

Roberta Alexandr Sundfeld

Os Zveibil são típicos representantes dos judeus paulistas: ashkenazim pobres oriundos da Bessarábia donde sairam após o Pogrom de Kishinev. Em 1907 imigraram para a Argentina (Buenos Aires) e outra vez, em 1910, para Porto Alegre. Depois, na década de 20, chegaram em São Paulo, bairro do Brás. A ascenção econômica e social se dá nas décadas seguintes.

Essa história é contada no recém-lançado ***De Ismail a São Paulo, Memórias da Família Zveibil.***

Com 296 páginas em papel couchê, índice de nomes, dezenas de fotografias, projetado e coordenado por Roberta Alexandr Sundfeld, foi redigido por Roney Cytrynowicz. O livro, preparado com profissionalismo e acabamento primoroso, deve servir de modelo para outras famílias interessadas em deixar um legado para as futuras gerações.

Estivemos na ***Icone*** *Pesquisas de História* dirigida por **Roberta Alexandr Sundfeld**:

- Roberta, como surgiu esse projeto?

  Em 1993, Carlos Zveibil Neto nos procurou dizendo ter uma família numerosa e muito unida, com muitas histórias para contar. Dizia também que gostaria de ver estas histórias em um livro. Não um livro que mostrasse uma saga de “heróis-imigrantes”, ou grandes desbravadores, mas pessoas comuns em seu dia-a-dia.

- O que você fez então?

  Pesquisamos a história-de-vida dos imigrantes e seus descendentes. Os patriarcas dos Zveibil — Herschl e Reisl — naturais da Bessarabia, tiveram 8 filhos. Um deles morreu no caminho para a América. Portanto tínhamos sete ramos de descendentes da família para estudar. Selecionamos, a princípio, dois representantes de cada ramo e que tivessem mais de 65 anos de idade. Fizemos um roteiro de entrevistas que incluía desde a vida no país de origem, os motivos da imigração, a viagem, a chegada na Argentina, a mudança e o estabelecimento no Rio Grande do Sul até a vinda para São Paulo, incluindo o trabalho, o lazer, os casamentos e as tradições. O corte cronológico do texto foi feito com o nascimento da 3ª geração.

- Entrevista com roteiro não inibe o entrevistado?

  Apesar do roteiro, os entrevistados falaram livremente de suas memórias e experiências de vida. Ao final de cada entrevista recolhiamos e identificávamos fotos e documentos. Também aproveitávamos o momento para fazer a árvore daquele ramo que estava sendo entrevistado, com ascendentes, descendentes, e dados vitais.

- Surgiu algum imprevisto durante as entrevistas?

  No meio do trabalho sentimos necessidade de fazer um índice biográfico de todas as pessoas da família. Mandamos então um questionário, que todos responderam, incluindo: nome, apelido, data e local de nascimento e falecimento, nome dos pais, grau de escolaridade, profissão, local de moradia, nome do cônjuge e dos filhos. Com estes dados completamos a árvore genealógica e publicamos o índice biográfico no final do livro.

- Mas a tua pesquisa se restringiu às entrevistas?

  Não. Após as gravações, as entrevistas eram transcritas, depois tematizadas e analisadas. Buscamos documentação em arquivos e bibliotecas (História Escrita) para complementar as gravações (História Oral).

- Qual forma você deu ao livro?

  O texto tem a forma de narrativa. Assim é mantida a fala e a memória de cada entrevistado, não importando se contradiz o que outro entrevistado tenha dito. As fotos e as legendas foram escolhidas e redigidas de forma a complementar o texto. A capa é uma foto de *toda* família (18 pessoas) no ano de 1914 em Porto Alegre. A última foto do livro, colorida, é de 1984 e reúne os 230 membros! Já a árvore genealógica, elaborada em 1994 tem 296 nomes.

- O que você diria para nossos leitores, muitos deles também fazendo História de Famíla?

  Eu diria que todas as famílias têm uma história que merece e deve ser resgatada, mesmo aquelas aparentemente sem grandes aventuras, fortunas e heróis em seu caminho.

(Nosso agradecimento ao Carlos Zveibil que gentilmente doou à biblioteca da SGJB um exemplar do *De Ismail a São Paulo, Memórias da Família Zveibil*)

Dos Editores

Este é o nosso quarto número. Trazemos aos leitores uma série de artigos médios e pequenos:

- Alain Bigio nos conta dos rápidos progressos na sua pesquisa familiar
- Paulo Valadares volta aos tempos de Dom Pedro II e revela a face filo-semita do nosso imperador
- Anna Rosa Campagnano descobre a pequena Pitigliano, a 100 km NW de Roma, onde, desde a Idade Média, surgiu, cresceu e declinou uma pequena comunidade judaica
- Em Boston, de 14 a 19 de julho próximo, acontecerá o 15º Seminário Internacional de Genealogia Judaica. Sendo o principal evento do gênero, seja pela qualidade das atividades como pela quantidade de participantes (quase 1000), fazemos um preview aos interessados
- Todo genealogista é um colecionador de nomes e sobrenomes. Elaboramos algumas listas que, com certeza, serão ampliadas pelos nossos leitores
- Entrevistamos a organizadora do recém publicado livro sobre a família Zveibil, talvez o melhor trabalho sobre história familiar já feito no nosso país
- As pessoas têm idéias erradas sobre quantos judeus há no Brasil e em outros países do mundo. O leitor conhecerá agora o censo planetário do povo judeu
- Quase duzentos Kits Genealógicos já foram enviados aos nossos sócios. Escrevam-nos contando como vão suas pesquisas e descobertas. O Gerações / Brasil está ansioso por publicar um artigo seu, prezado leitor

Um Chapéu Amarelo para o Rei de Portugal
A Yellow Hood for the King of Portugal

Paulo Valadares

Sempre houve alguem a sugerir ao governante do momento a colocação de um sinal distintivo no judeu ou no seu descendente. É para tolher seus passos, impedir que a suas qualidades sobressaiam.

Já tivemos triângulos, estrelas de David, rodelas e até chapéus amarelos para operacionalizar esta discriminação. Num destes momentos um cortesão anti-semita sugeriu ao rei de Portugal, que este obrigasse os descendentes dos *conversos* a portarem um capelo (chapéu) amarelo na vida cotidiana.O rei entusiasmou-se com a idéia, porém logo foi dissuadido pelo encarregado de por a medida em prática, que apareceu com três chapéus amarelos. Tomando um para si e distribuindo os dois restantes assim: "Um deles, vai ao Sr. Inquisidor-mór. O terceiro destino a Vossa Majestade em homenagem a formosa judia, de quem procede a Casa de Bragança".

Esta "formosa judia", que o tão descortês ministro lembrou, é **Inês Fernandes** (ou **Pires**) **Esteves**, filha de um judeu espanhol convertido chamado Mem ou Pero Esteves, mais conhecido como o "Barbadão de Veiros", e que viveu na cidade da Guarda. Inês teve dois filhos com um bastardo real, que seria rei de Portugal com o nome de João I. Um deles, Afonso (1377-1461), foi sagrado primeiro Duque de Bragança, e de sua semente sairam os futuros reis de Portugal e imperadores do Brasil.

Os Duques de Bragança viveram vidas agitadas. O terceiro duque, acusado de traição, foi executado em Évora. O quarto, num acesso de ciúmes, matou a esposa, que era uma Medina Sidonia. O filho do casal, quinto duque, discutia exegese bíblica com o doublé de alfaiate e "messias" cristão-novo Luís Dias. O sétimo duque, acompanhou dom Sebastião à Africa, levando dois mil soldados e seiscentos cavalos! Este pequeno exército mantido por seu dinheiro, e tendo ele apenas dez anos. O oitavo deles, cortou os laços políticos com a Espanha, e proclamou-se rei de Portugal com o nome de João IV. Dele provém a semente dos Bragança e os imperadores brasileiros.

Pedro de Alcântara João Leopoldo Salvador Bebiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Rafael de Bragança e Austria (Habsburgo), que tornou-se imperador brasileiro com o nome de **D. Pedro II** (1825-1891), levou à frente a herança cultural de sua 15ª avó, comportando-se como o mais fervoroso filosemita de sua geração, vivendo abertamente sua paixão pelo judaísmo.

Dom Pedro II falava e escrevia o hebraico. Chegou a discutir gramática hebraica com rabinos. Sabia ler os rolos da Lei, tanto que assim o fez na Sinagoga de Upper-Berkeley (Londres), em 1871, ao ser chamado pelo grão-rabino Myers. Em 1876 viajou até Jerusalém, onde traduziu o Salmo 122. Quando de sua visita à Europa, foi recebido nas comunidades judaicas como se fôra um marrano judaizante.* Apesar do seu filosemitismo, Dom Pedro II viveu e morreu como católico romano.

Os judeus também possuem a sua aristocracia: são aqueles descendentes da casta sacerdotal formada pelos filhos de Aarão (irmão de Moisés), em geral reconhecíveis pelo sobrenome **Cohen**. Um deles, o negociante **Shemaya (Simão) Cohen** (1768-1830), natural de Gibraltar de nacionalidade inglesa e falecido em Lisboa onde chegara em 1814. Na capital portuguesa residiu na *Travessa do Corpo Santo, 7-B*, onde funcionava uma sinagoga que contava entre os seus frequentadores vários cristãos-novos de *Trás-os- Montes*. Seu filho, Abraham de Shemaya Cohen, também nascido em Gibraltar era negociante como o pai. Sua descendência foi ilustre, um filho (nascido fora do casamento), foi o Barão de Sendal (David Cohen de Cas-

There has always been someone to suggest to the current ruler the placement of a badge on the Jew or his descendants. It is a means of discriminating the Jew and an attempt to conceal his competence. We have had triangles, Stars of David, round badges and even yellow hoods to make this policy possible.

On one occasion an anti-semitic counselor of the king of Portugal suggested him to compel the use of a yellow hood by the descendants of the *conversos.* The king liked the idea but soon was convinced not to implement it by the one in charge of the job. He showed up with three yellow hoods. Putting one on his head, he gave one to the *Inquisidor-mor* and the third to the King himself, in memory of the beautiful Jewess from whom descends the House of Bragança.

This *beautiful Jewess* whom the impertinent minister referred to, was **Ines Fernandes** (or **Pires**) **Esteves**, daughter of a converted Spanish Jew called Mem or Pero Esteves, better known as the *Bearded from Veiros*, who lived in the city of Guarda. Inês had two children with an illegitimate son of the King who would later become himself king of Portugal as Dom João I. One of the children, Afonso (1377-1461), became the first Duke of Bragança and from his seed the future kings of Portugal and Emperors of Brazil would have their origins.

The Dukes of Bragança led boisterous lives. The third, charged with treason, was executed in Évora. The fourth, in a violent fit of jealousy, murdered his wife, who was a Medina Sidonia. Their son, the fifth duke, used to discuss exegesis of the Bible with the *converso* Luis Dias, who was a tailor, and allegedly a messiah. The seventh duke escorted Dom Sebastião to Africa with two thousand soldiers and six hundred horses. This small army was maintained with his own money. He was only ten years old. The eighth duke cut all political links with Spain and proclaimed himself king of Portugal under the name of D. João IV. He fathered the Brazilian emperors.

Pedro de Alcântara João Leopoldo Salvador Bebiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Rafael de Bragança e Austria (Habsburg), who became emperor of Brazil under the name of **D. Pedro II** (1825-1891), was the faithful follower of his 15th grandmother, as one of the most enthusiastic admirers of Judaism in his generation, openly admitting his feelings. He spoke and wrote Hebrew well enough to discuss grammar with learned rabbis. He was able to read in the sacred rolls of the Torah which he once did in the synagogue of Upper Berkeley (London) when he was called by the grand rabbi Myers, in 1871. He went to Jerusalem in 1876, where he translated the Psalm 122. When he arrived in Europe he was received by the Jewish communities as a "Judaizing Converso".* Despite all his interest and knowledge on Judaism, Dom Pedro II was always a Roman Catholic.

The Jews also have their aristocracy, who are the descendants of Aaron, the High Priest (brother of Moses), recognized by the name Cohen. One of them was a businessman called **Shemaya (Simão) Cohen** (1768-1830), born in Gibraltar, of British nationality. He died in Lisbon where he had arrived in 1814. In the Portuguese capital he lived on *"Travessa do Corpo Santo, 7-B"*, where there was a synagogue amongst whose faithful were several New Christians from *"Trás-os-Montes"*. His son, Abraham de Shemaya Cohen, also born in Gibraltar, was a businessman like his father. His offspring were distinguished: the Baron of Sendal (David Cohen de Castro e Lara 1839?-1913), who was born out of the wedlock, and Benjamin

tro e Lara, 1839? — 1913), e Benjamin de **Abraham Cohen** (1863-1941), de quem um descendente se uniria aos Braganças.

O encontro destas duas linhagens aristocráticas se deu quando Elizabeth de Orleans e Bragança Martorell casou-se com João do Espírito Santo Silva Salgado, um rico português, trineto dos primeiros judeus que retornaram a Portugal depois da Grande Conversão. E assim ao sangue real dos Braganças veio juntar-se o sangue bíblico e sacerdotal dos Cohens de Tetuão, na pessoa de Maria Thereza Martorell Salgado, nascida no Rio de Janeiro, em l4 de setembro de 1988.

* (v. Elias LIPINER, "Faleceu um dos grandes justos entre as nações. O primeiro entre dez mil", D.O. Leitura nº 110, 10-07-91).

de Abraham Cohen (1863-1941), whose descendant married into the Braganças.

The encounter of these two aristocratic lineages happened when Elisabeth de Orleans e Bragança Martorell married a rich Portuguese, João do Espirito Santo Silva Salgado, great grandson of the first Jews to return to Portugal after the Great Conversion. Thus the girl Maria Teresa Martorell Salgado, born on 14 September 1988 is a blend of the royal blood of the Braganças with the biblical blood of the priests Cohen from Tetuan.

* (v. Elias LIPINER, "One great Just amongst the nations departed, the first in ten thousand ", from D.O.Leitura nº 110, 10-07-91, pp.12)

Os Judeus de Pitigliano
The Jews from Pitigliano, Italy

Anna Rosa Campagnano

Fonte: Roberto G. Salvadori, La Comunitá Ebraica di Pitigliano dal XVI al XX secolo, 1991, Firenze

Depois da metade do século 16, os judeus da Itália central, perseguidos pelo Papa e por Cosimo dei Medici, granduque da Toscana, fugiram dos guetos de Roma, Ancona, Florença e Siena, e encontraram abrigos em feudos das zonas limítrofes dos Estados Papais, que ainda conservavam certa autonomia, como Pitigliano, Lippiano e San Miniato, chamadas de *cidades refugio* pelos judeus.

A Pitigliano, situado entre o Lazio e a Umbria, chegaram algumas centenas de judeus depois das expulsões nos anos de 1569 e 1593. A região era domínio da família Aldobrandeschi e depois passou para da família Orsini.

A economia da pequena cidade, até o fim do século 19, estava baseada no cultivo do trigo e sua comercialização. O trigo era não somente a principal fonte de alimento mas, também, era usado como moeda. O comércio de imóveis e o pagamento dos impostos eram feitos em *some* de trigo (uma *some* valia 120 Kg).

Os judeus podiam possuir imóveis e terras para o cultivo de trigo e vinhedos; arrendavam também o gado em parceria (*soccida*) e emprestavam dinheiro a juros. Em dezembro de 1571 abriram o primeiro banco hebraico, numa época em que emprestar dinheiro era proibido e historicamente em declínio. Além disso, concertavam roupas usadas, eram sapateiros, dedicavam-se ao pequeno comércio.

Viviam livres e em condições similares aos outros cidadãos; tinham direitos civis.

> Os Médicis obrigavam os judeus a assistir sermões na Igreja

Com a passagem de Pitigliano às mãos dos Medicis em 1608, começa um longo período em que os judeus sofreram os maus tratos típicos dos tempos da Contra-Reforma : gueto (1622), o sinal vermelho de distinção, a obrigatoriedade de assistir a sermões nas igrejas, que buscavam sua conversão ao cristianismo. Os Medicis fecharam também o banco de empréstimo.

Na segunda metade do século 18 inicia o dominio da casa de Lorena: o sinal de descriminação desaparece e aos hebreus são concedidos alguns direitos políticos.

As condições melhoram ainda mais com a influência francesa sobre a Itália, já no final dos *oitocentos*. Nessa época turbulenta alguns grupos anti-revolucionários invadiam as pequenas cidades e, gritando "—*Viva Maria*!", atacavam os judeus. Em 1799, um desses bandos entrou em Pitigliano e um judeu foi morto em meio a muita destruição. No dia seguinte, a população cristã vingou-o matando alguns dos soldados que participaram dos distúrbios da véspera.

Neste período, a presença judaica em Pitigliano era de 400 pessoas, 10% da população total. Os judeus da Toscana conseguiram a completa emancipação ainda antes da unidade da Itália, que aconteceu em 1861.

Com a unidade, a presença judaica na pequena comunidade diminuiu fortemente, dispersando-se no mais amplo contexto social italiano.

Na véspera da primeira Guerra Mundial, a comunidade tinha-se reduzido a uma centena de pessoas. Em 1931, perdeu a sua autonomia e foi agregada a Livorno.

Quando, em 1938, foram promulgadas as leis raciais, somente setenta judeus moravam em Pitigliano. Após a 2ª Guerra Mundial havia apenas 40, e hoje não sobram mais que cinco.

After the second half of the 16th century, the Jews of central Italy, persecuted by the Pope and Cosimo de Medici, Grand Duke of Toscana, sought to escape from the ghettos of Rome, Ancona, Florence, and Sienna. They found refuge in some places near the borders of Papal States, such as Pitigliano, Lippiano and San Miniato, who had maintained some independence from the Church and were called *refuge towns* by the Italian Jews.

To Pitigliano, located between Lazio and Umbria , a few hundred Jews arrived after the expulsions of 1569 and 1593. The large estate was at first a property of the Aldobrandeschi family and then pertained to the Orsini family.

Wheat cultivation and its trade played an important role in the little town economy until the end of the 1800s. Wheat was used not only as food but also as a currency for exchange. The purchase and sale of real estate as well as payment of taxes was done by means of the *sum* of wheat (one *sum* was equivalent to 120 Kg).

> The Médici ruler imposed jews the obligation to listen to sermons in the church

The Jews could own property and land in order to grow wheat and vineyard; they also leased cattle in partnership (soccida) and charged interest on money they had loaned. In December 1571 they opened the first Hebrew bank, in a time when lending was forbidden and historically in decline. Furthermore they repaired old clothes, they were shoemakers and owned small businesses. They lived as free men in similar conditions as their neighbors.

When Pitigliano came under the Medici rulers in 1608, the Jews suffered a long period of persecution and ill treatment typical of those Counter-Reform times: the ghetto (1622), special red badges and the obligation to listen sermons in the churches, whose objectives were the conversion of the Jews. The Medicis also closed the bank.

During the second half of the 18th century, under the Lorena rule, the red badge was abolished and a few human rights were restored to the Jews.

French hegemony over Italy towards the end of that century gave the Jews better living conditions although counter-revolutionary groups used to invade villages shouting —*Viva Maria!* and attacking the Jews. In 1799, one of these groups entered Pitigliano and one Jew was killed amidst great destruction. On the next day the Christian population vindicated him by killing some of the soldiers that invaded the town. At that time the Jews of Pitigliano numbered 400 people, 10% of the local population.

The Jews of Toscanny obtained their total emancipation before the unification of Italy in 1861. With the unification, the population of the small town was significantly reduced, being dispersed in the greater social context of Italy. On the eve of World War I the community was reduced to fewer than 100 people. In 1931 Pitigliano lost its autonomy and was included in the township of Livorno. When in 1938 the racial laws were enforced, only 70 Jews lived in Pitigliano. After World War II there were 40 Jews left and nowadays there are only five living there.

Judeus de Pitigliano mortos durante o Holocausto / Jews of Pitigliano killed in the Holocaust

Família	*Nome*	*nasc.*	*Família*	*Nome*	*nasc.*
Ayó	Angelo	1882	Pergola	Aldo	1899
Camerini	Emilia Lea	1895	Pergola	Bixio	1903
Camerino	Leone	1870	Servi	Affortunata	1881
Cava	Aldo	n/a	Servi	Fernanda	1875
Cava	Elda Moscati	n/a	Servi	Irma	1882
Cava	Franca	n/a	Spizzichino	Alfredo	1869
Cava	Enzo	n/a	Spizzichino	Iride	1905
Colombo	Alessandro	1875	Spizzichino	Jader	1885
Paggi	Goffredo	1913	Spizzichino	Rina	1920

Censo dos judeus residentes em Pitigliano no ano de 1886 / Census made in Pitigliano, 1866

Família do titular	**Nome do titular**	**Familia da esposa**	**Nome da esposa**	**Filhos**
AYÓ	Giacobbe			
BEMPORAD	Gabriele	AYÓ	Claudina	Albina
BEMPORAD	Isacche	CAPUA	Stella	
BEMPORAD	Flaminio	PAGGI	Erminia	Claudina, Michelangelo
BEMPORAD	Dante			
BEMPORAD	Achille		Fortunata	Ines, Benedetto
CAMERINO	Samuele	PAGGI	Michelina	Angiolino, Leone,Salomone
CAMERINO	Salvatore	PAGGI	Azelma	Adelina
CAPUA	Angiolino			
COLOMBO	Elia	MOSCATI	Miriam	Elmira,Elodia,Adelmo,Sandro, Allegrina
COLOMBO	Lazzaro	SERVI	Rachele	Nicodemo,Anselmo,Gilda
COLOMBO	Giacobbe		Elena	
COLOMBO	Angelo			
COLOMBO	Isacche			
COLOMBO	Ezio	SADUN	Amalia	Erberto, Lidia
COLOMBO	Eugenio			
COLOMBO	Riccardo	CAPUA	Sofia	
LATTES	Isacco	SADUN	Giuditta	Tobia, Azzeria, Deborah
LATTES	Tobia	SERVI	Ottavia	Gino, Manlio, Arnaldo
LATTES	Azzaria	BEMPORAD	Erminia	Italo, Napoleone, Guido
LATTES	David	AYÓ	Erminia	Dante, Garibaldo, Jenny
MOSCATI	Raffaele	LATTES	Angelina	
PAGGI	Daniele	SORANI	Serena	Abramo,Arturo,Emilia,Enrichetta
PAGGI	Isacche	SORANI	Adalgisa	
PAGGI	Osvaldo			
PAGGI	David	BEMPORAD	Fortunatozza	Edoardo,Roberto, Guglielmo
PASSIGLI	Giuseppe	SORANI	Sofia	Guido,Fernanda,Armando, Goffredo
PERGOLA	Salomone	SADUN	Enrichetta	Corrado, Amilcare, Jole, Ubaldo
PERGOLA	Mosé	BEMPORAD	Elisa	Virgilio, Isaia, Ciro, Annetta, Efsiba
PERGOLA	Rosina			
PERGOLA	Elisha	SERVI	Regina	
PERGOLA	Fortunata			
SADUN	Giacobbe	CAPUA	Diamante	Auletta, Oreste, Augusto, Ezio, Emma
SADUN	Isacco	SORANI	Consola	Rachele, Clarice, Egistro Giulia, Corilla
SADUN	Affortunata	Gismonda, Amedeo		
SADUN	Beniamino	SADUN	Rosina	Arrigo
SADUN	David	AYÓ	Gioconda	Amelia, Gino, Vittorio
SADUN	Salomone	PAGGI	Enrichetta	
SADUN	Napoleone			
SADUN	Fortunata			Benedetto, Renato, Rina Anita, Lida
SADUN	Daniele	PAGGI	Rachele	Annina, Jesi
SADUN	Giacobbe		Allegrina	
SADUN	Mosé	LATTES	Vittoria	Geremia
SADUN	Miriam (LEVI)	viúva/widow		Ernesta, Efsiba, Ciro
SADUN	Diodato	CAMERINO	Bettina	Amerigo, Bianca Corinna, Dagoberto
SERVI	Salomone	LATTES	Debora	Argia, Azeglio, Anita, Aldo

Família do titular	Titular	Familia da esposa	Esposa	Filhos
SERVI	Angiolo	SERVI	Rachele	Servio, Achille, Salvina, Esterina, Amelia
SERVI	Raffaello			Ernesta
SERVI	Miriam			Efsiba, Ciro
SERVI	Aristodemo			
SERVI	Cesira			
SERVI	Enrico	SADUN	Rachele	Licurgo, Erina, Ada, Siro, Fernanda
SERVI	Giustina			
SERVI	Ulisse	SADUN	Ercolina	Fortunata, Irma
SERVI	Benedetto	DE BENEDETTI	Adele	Attilio,Vittore
SERVI	Giacobbe	SORANI	Regina	Oreste, Esterina, Tersilio, Pilade, Erina, Genesia, Edvige, Dirce, Gisla, Anita
SERVI	Salvatore	SORANI	Rosina	Virgilio, Linda
SERVI	Ida			
SERVI	Allegra	LEVI		Adolfo
SERVI	Marco	SADUN	Elvira	Dario, Sandro
SORANI	Regina			Raimondo
SORANI	Flaminio	SERVI	Esmaralda	Dirce, Enrichetta
SORANI	Abramo	SERVI	Fanny	Ettore, Manfredo, Ugo, Olga
SORANI	Regina			Salomone
SPIZZICHINO	Giacobbe	TEDESCHI	Speranza	Sandra, Rachele, Umile, Alfredo, Samuele
SPIZZICHINO	Giuseppe	TEDESCHI	Stella	Amelia, Gastone, Dante, Osvaldo
SPIZZICHINO	Angiolino	SERVI	Gioia	Umberto, Daria, Tiberio, Umiletta, Bruna

Passando em Revista

publicações especializadas recebidas após novembro / 95

AVOTAYNU - The International Rewiew of Jewish Genealogy. Vol. 11, n° 3, fall 1995. Destaques "Genealogy as a Spiritual Pilgrimage"(Arthur Kurzweil), "Using Litvak Naming Patterns To Derive Names of Unknown Ancestors"(Harold Rhode). Vol. 11, n° 4, winter 1995. "Beyond the Metricals: records from the Russian Department of Police", George Bolotenko

BRANCHES (JGS Greater Miami): vol. 8, n° 1 ao 4, jan., fev., março e abril de 1996

CARTA MENSAL (Colégio Brasileiro de Genealogia, RJ): n° 39, out/dez 1995

CHRONICLES (JGS Philadelphia): winter 1996, vol. 14, n° 4. Destaques : "Biography & Genealogy Master Index" (Elaine B. Cossrow Kolinsky).

CLEVELAND KOL (JGS Cleveland): vol. 9, n° 3 e 4, outubro 1995, winter 1995/96.

DISCOVERY (JGS San Diego): vol. 11, n° 1, winter 1996

DOR TO DOOR (JGS Houston): vol. 1, n° 2 , fevereiro 1996.

DOROT (JGS New York): vol. 17, n° 1, fall 1995. Destaque: sob o título "JGS Brazil Publishes Newsletter", resenha o GERAÇÕES/BRASIL n° 2, destacando os artigos sobre os Picciottos, dos Klabins e Benjamin Nathan Cardozo

ETZ CHAIM (JGS Greater Orlando): vol. 6, n° 3, spring 1996. Destaques: "Searching for my Uncle Sam" (Jay Scleichkorn), "Information from the kingdom of Poland…" (Steven Zedeck) e "The easy way to…tombstone photography" (Sim Seckback).

FAMILY FINDING (JGS Wisconsin): vol. 6, n° 3, março 1996.

FISESP Comunicação: n° 43, janeiro 1996.

GENERATIONS (JGS St. Louis): vol.1, n° 6 Destaque : "Biography, Wahl Saul ben Judah" (Martin H. Wohl). Vol 2, n° l , 2, 3. Dezembro 1995, janeiro 1996, fevereiro 1996 e março l996.

ILLIANA Jewish Genealogical Society: spring 1996.

INTEGRAÇÃO (Conib, RJ): n° 45, jan/fev 1996.

JGS President's Exchange: vol. 4, n° l, janeiro 1996.

KOSHER KOALA (Australian JGS): vol. 2, n° 4, dezembro 1995. Destaques: A Genealogical Trip To Galicia" (Sophie Caplan), "Amsterdam - A Sephardi Experience"(Margot Salom) e "Sources For Scottish Jewish Genealogy" (Harvey L. Kaplan). Vol. 3, n° l, março 1996. Destaque: "A Genealogical…" (cont.).

KULANU (Helping Lost Jewish Communities): vol. 2, n° 4, winter 1995/6.

MAAJAN DIE QUELLE (Schweizerische Vereiningung fur judidische Genealogie): dezembro 1995 e também o número de março de 1996, comemorativo do décimo aniversário desta sociedade. Parabéns (very good) !

MASS-POCHA (JGS Greater Boston): vol. 5, n° 1, winter 1996. Destaque: "Making Yizkor Books Accessible" (Martin Kessel) e "Index to Mass-Pocha Articles 1992-1995 (volumes I to IV)".

MISHPACHA (JGS Greater Washington): vol. 16, n° l, winter 1996. Destaques: "Why Pocomoke City, Maryland?" (Rita Krakower Margolis), "FBI Files as a Source of Genealogical Information" (David Chapin) .

MORASHA (JGS Illinois): vol. 1l, n° 3/4, fall-winter 1995/6.

NEWS (JGS Rochester): vol. 3, n° 3, winter 1995/6. Destaque: "Resources for Civil War Research" (Jane Wechsler-Holeywell).

ROOTS-KEY (JGS Los Angeles): vol. 15, n° 4, winter 1995/6. Destaque : "Fathers of Jewish Genealogy: Rabino Chaim Nathan Dembitzer, Nathan Michael Gelber, David Kaufmann, e Philip Friedman" (David Einsiedler).

SCATTERED SEEDS (JGS Palm Beach County): vol. 5, n° 2, winter 1996.

SHALSHELET (JGS Oregon): vol. 7, n° 1, fevereiro 1996.

SHARSHERET HADOROT (Israel Genealogical Society); vol. 10, n° 1, jan 1996. Destaques: "Names and Identity Among the Bene Israel" (Shalva Weil), "The History and Manuscripts of The Physician-Writer, Professor Signior Chaim Israel Meir Mizrachi. Sephardic Rabbi and Emissary From The Dinasty of The Jerusalem Mizrachi Lights" (Shimon Aplatony).

SHEM TOV (JGS Canada): vol. 11, n° 4, dezembro 1995. Destaques: Constructing a Family Tree Using Census Indexes And Raw Census Data"(Glen Eker). Vol. 12, n° 1, março 1996.

SHEMOT (JGS Great Britain): vol. 3, n° 4, dezembro 1995. Destaque: Index dos vols. 1-1 até 3-3.

SHORASHIM (Orange County JGS): vol. 4, n° 4 , winter 1995.

O prazer da Descoberta
The Pleasure of Discovery

Alain Bigio

A descoberta é um prazer dificil de descrever. De Cristovão Colombo ao descobrir a América à mais humilde descoberta, a sensação é eletrizante. O mesmo senti ao seguir a trilha para descobrir ancestrais de dez gerações.

O ínicio de tudo foi um convite de um amigo para um cocktail de inauguração de uma estranha sociedade: Sociedade Genealógica Judaica do Brasil. Não imaginei que se tratava de um virus incurável. O meu envolvimento foi apenas técnico, no começo. Traduções, montagem no computador e preparação dos modelos de impressão foram as primeiras trilhas que percorri. O livro de Arthur Kurzweil: *From Generation to Generation* foi a continuação de um estímulo agradável.

Uma pesquisa baseada em artigo publicado pela *Revue Diplomatique* levou a um artigo sobre a familia Picciotto de Aleppo. Poderia ser a familia do meu lado materno. Essa pesquisa me levou a identificar uma dinastia que se iniciava no fim do século 17 e praticamente terminava no início do século 20. A historia dos Picciotto não foi difícil de compilar. Era uma família abastada, educada, poliglota e que teve a sorte de representar potências Europeias no Levante. Justamente por estas qualidades é que os europeus os escolheram, apesar de serem judeus praticantes.

A parte mais complicada da genealogia foi conseguir achar o elo entre a família da minha mãe e a dinastia dos Picciotto que não tinha mais registros oficiais, uma vez que em 1894 perderam o status diplomático. Também perderam a fortuna pois o canal de Suez subtraira de Aleppo a primazia do comércio com o Extremo Oriente. No início do século 20 os Picciotto se espalharam pelo resto do mundo. Abandonaram Aleppo e migraram para os novos eldorados da época: Líbano, Egito e América.

Os "interrogatórios" a que submeti as pessoas mais idosas da família devem ter sido torturantes para elas porque meu objetivo era buscar um avô cujo nome estava perdido na memória e até talvez um bisavo que pudesse fazer a conexão com os Picciotto de Aleppo. Foi difícil.

A busca genealógica, entretanto, é um quebra cabeças que exige paciência. Todas as informações colhidas com os parentes próximos foram compiladas e catalogadas. Vale neste momento mencionar que um microcomputador com um bom software de apoio foi muito útil na catalogação das informações. No meu caso, o software *Reunion* ajudou muito.

> Lydia Collins
> found the missing link

Discovery is a pleasure difficult to describe. From the discovery of America by Christopher Columbus to the humblest of all, the feeling is exhilarating. I felt the same when I followed the trail to spot ancestors ten generations back.

The starting point was an invitation to a cocktail party for the opening of a strange society: Jewish Genealogical Society of Brazil. I never thought it was an incurable virus. Initially my involvement was merely technical: translations, pasting and preparing printing models on the computer. Then came Arthur Kurzweil´s *From Generation to Generation* as the continuation of a pleasant stimulus.

A research based upon an article published by the *Revue Diplomatique* generated an essay on the Picciotto family of Aleppo. It could be family on my mother's side. This research identified a dynasty that started at the end of the 17th century and practically ended in the early 20th century. The story of the Picciottos was not hard to compile. They were a wealthy, educated family who spoke several languages and were lucky to represent European powers in the Middle East. For these qualities the European powers had chosen them although that they were practicing Jews.

The complex part of the research was to find the link between my mother's family and the Picciotto dynasty, who no longer had any official records, since they had lost their diplomatic status in 1894. They had also lost their fortune as the Suez Canal had taken away their exclusivity on the routes to the Far East. In the early 20th century the Picciottos scattered around the world. They abandoned Aleppo and migrated to the new eldorados of the epoch: Lebanon, Egypt and America.

The "third degree" interrogations to which I submitted the elders of the family must have been torturing as I was looking for a grandfather whose name had been lost forever in their memories; it might have been a great-grandfather who would connect to the Picciotto from Aleppo. I must admit it was difficult.

A genealogical research, however is a puzzle that requires enormous amount of patience. All information collected from relatives was compiled and catalogued. It is worthwhile noting, at this point that a micro computer with a good software is very useful to update the information as it flows in. In my case *Reunion* did a very good job.

A pesquisa empacou no nome do meu bisavo. Ninguem na familia tinha certeza do nome. A quantidade de familiares cresceu na “horizontal”. Tios e primos de minha mãe preencheram muitos vazios. A pesquisa “vertical” se havia congelado no bisavô cujo nome se especulava fosse Leon.

Finalmente Lydia Collins, genealogista inglesa, conselheira da Sociedade Genealógica Judaica Britânica, trouxe o elo que uniu as duas histórias: a da minha familia imediata com a dinastia dos Picciotto. A informação da Inglaterra foi muito elucidativa pois corrigiu e confirmou dados e nomes de parentes próximos de minha mãe e das minhas tias. Elas de fato confirmaram nomes de parentes que haviam esquecido e que esta gentil senhora inglesa trazia de volta à memória. O elo encontrado ligava o bisavô Leon David de Picciotto à dinastia, levando assim a busca, de um salto, até 1690.

Tenho a sorte de pertencer por um lado a uma família cuja história teve registros públicos. Isto permitiu que o meu quebra cabeças tivesse apenas uma peça faltando e foi relativamente fácil encontrá-la. O coroamento desta pesquisa será encontrar os documentos e certidões que de fato confirmem as informações. Isto com certeza não vai ser fácil. Minha pesquisa por enquanto é apenas um *educated guess*, e, talvez nunca passe disso. Terá sido fascinante assim mesmo.

Para ajudar na pesquisa há na *Internet* a página Jewishgen que traz correspondência eletrônica do mundo inteiro. Recentemente comecei a participar nesta rede internacional. Inscrevi-me para receber toda correspondencia do *Jewishgen*. É mais uma forma, talvez a mais rápida, de se comunicar com outras pessoas no mundo inteiro que compartilhem do mesmo interesse. A troca de informações é instantânea. Quem sabe é uma nova porta aberta para a busca de informações.

O comum em genealogia não é assim fácil. Vivo esta dificuldade do lado paterno, cuja família não teve a proeminência e a riqueza dos Picciotto. A minha esperança é encontrar na família um rabino que tenha marcado época em sua comunidade e de quem se tenha mantido os registros. Em todo caso a surpresa é sempre muito agradável e tenho certeza que virá do lado que menos espero.

The research came to a standstill with the name of my great grandfather. No one in my close family was sure of the name. The amount of relatives on the “horizontal” level grew i.e., uncles, aunts, cousins filled in many blanks. The “vertical” research had frozen in this great-grandfather whose name the close family thought was Leon.

At last, Lydia Collins, an English genealogist, council member of The Jewish Genealogical Society of Great Britain, found the missing link that brought together both stories: that of my immediate family and the Picciotto dynasty’s. The information from the UK was very clarifying as it corrected the names of close relatives of my mother and aunts. They reconfirmed names they had forgotten and which Mrs. Collins brought back to memory. The link that was found connected the great grandfather Leon David de Picciotto to the dynasty, thus taking my research back to 1690.

On one hand I am lucky to belong to a family whose history has had public records. Thus my puzzle lacked only one piece which was to a certain extent easy to find. The topping of this research, however would be to find documents, ketubot, and birth certificates that would confirm all the links precisely. This will surely not be easy. My research so far can only be an *educated guess* and may never be more than this. It still would have been a fascinating endeavor.

To help the research there are several Jewish Genealogical information centers on the Internet Web which gather people from around the world. A few months ago I went into this world wide web and now I’m placed on the JewishGen mailing list. It is the fastest and cheapest way to communicate with other people who share the same interest. The exchange of information is practically instantaneous. This may be a new door open to search for information.

The most common in genealogy is not that easy. And I may say I have this difficulty on my father’s side, whose family was neither prominent nor rich as the Picciottos. My hope is to find in the family a talmudic scholar, maybe a rabbi, who acquired the respect of his community and of whom records were kept. In any case, the surprise is always pleasant and will come from where I least expect.

Por Que Continuar? *

Não se deixe desencorajar.
Uns dirão que você está desperdiçando o tempo ao se ocupar com genealogia.
Outros, que você está enfiando o nariz onde não foi chamado.
Haverão aqueles sem vontade de conversar com você.
Pessoas não responderão à sua carta.
Conhecerá bibliotecários que não gostam de ser “incomodados”. E também arquivistas convencidos que são “donos” do acêrvo dos arquivos que pagam seus salários.
Há bibliotecários que acham que genealogia não é suficientemente importante para eles.
Irmãos ficarão intrigados, primos dirão que você virou um fanático.
Não permita que isso tudo te desencorage.
Genealogia é uma tarefa sagrada.
Para aqueles que acreditam, nenhuma explicação é necessária.
Aos que não acreditam, nenhuma explicação é possível.

* **fonte:** From Generation to Generation, de Arthur Kurzweil, 1994, Harper Collins.

Existe Heráldica Judaica?

Paulo Valadares

Não é frequente mas existe. Na própria Bíblia podemos ler (Números 2:2) "Os israelitas acamparão cada um perto de sua bandeira, sob as insígnias de suas casas patriarcais". Nos tempos modernos alguns judeus foram agraciados com brasões (nas monarquias) enquanto que nos paises republicanos assumiram ex-libris. Um destes brasões é o da família anglo-iraquiana Kadoorie, encabeçada por Lawrence Kadoorie (1899-1993), 1º Barão de Kowloon em Hong Kong e da cidade de Westminster. Generoso, foi benfeitor dos cripto-judeus portugueses, patrono da Sinagoga Kadoorie Mekor Haim (cidade do Porto), filho de Sir Elly Silas Kadoorie(1867-1944) e Laura Mocatta. Os Kadoories (o nome é topônimo de Kadur, nome de uma província indiana) são originários de Bagdá. Tinham representação comercial dos riquíssimos Sassoons para a India, mas depois passaram a ter negócio próprio. Dentre seus empreendimentos destaca-se a China Light & Power (empresa energética de Hong Kong). Lord Kadoorie casou-se com Muriel Gubbay, com quem teve dois filhos: Rita Laura e Michael David Kadoorie. O brasão familiar é requintado, e traz o candelabro ritual como timbre, lembrando a origem judaica de seu possuidor. Homenageia também seu lado materno, os Mocattas, ao usar seu leopardo heráldico e o mesmo motto "Adhere and Prosper."

Nomes originais de artistas judeus

Abrão Farc (Abram Jacob Szafarc)
Al Capp (Alfred Gerald Caplin)
Al Jolson (Asa Yoelson)
Anouk Aimée (Françoise Dreyfus)
Berta Loran (Basza Ajs)
Berta Zemel (Berta Zemelmacher)
Beverly Sills (Belle Silverman)
Billy Rose (William Rosenberg)
Bob Dylan (Robert Zimmerman)
Carlo Mossy (Moisés Abraão Goldal)
Danny Kaye (Daniel Kaminsky)
Dina Sfat (Dina Kutner)
Dyan Cannon (Diane Friesen)
Edward G. Robinson (Emmanuel Goldberg)
Elliott Gould (Elliot Goldstein)
Erich von Stroheim (Erich Bondy)
Gene Wilder (Jerome Silberman)
George Burns (Nathan Birnbaum)
Harold Robbins (Harold Rubin)
Harry Houdini (Ehrich Weiss)
Howard da Silva (Howard Silverblatt)
I.F. Stone (Isadore Feinstein)
Ida Gomes (Ida Szafram)
Irving Stone (Irving Tennenbaum)
Jack Benny (Jacob Benjamin Kubelsky)
Jaime Barcelos (Jaime Jaimovich)
Jeff Chandler (Ira Grossel)
Jerry Lewis (Joseph Levitch)
Jill St. John (Jill Oppenheim)
Joan Rivers (Joan Molinsky)
John Garfield (Julius Garfinkel)
Josef von Sternberg (Jonas Sternberg)
Juca Chaves (Jurandir Czaczkes)
Kirk Douglas (Issur Danielovich Demski)
Lauren Bacall (Beth Joan Perske)
Lee Grant (Lyova Rosenthal)
Lee J. Cobb (Leo Jacob)
Lenny Bruce (Leonard Schneider)
Mel Brooks (Melvin Kaminsky)
Melvyn Douglas (Melvin Hesselberg)
Michael Curtis (Mih·ly Kertész)
Mike Nichols (Michael Peschlowsky)
Mike Todd (Avrom Girsch Goldbogen)
Milton Berle (Milton Berlinger)
Nydia Licia (Nydia Licia Pincherle)
Paul Lukas (Pal Lukász)
Paul Muni (Muni Weisenfreund)
Paulette Goddard (Pauline Levee)
Peter Lorre (Laszlo Löwenstein)
Samuel Goldwin (Samuel Goldfish)
Shelly Winters (Shirley Schrift)
Sílvio Santos (Senor Abravanel)
Simone Signoret (Simone Kaminker)
Teresa Raquel (Raquel Brandwain)
Theda Bara (Theodosia Goodman)
Tony Curtis (Bernard Schwartz)
Tony Randall (Leonard Rosenberg)
Walther Matthau (Walther Matuschansky)
Woody Allen (Allen Konigsberg)
Zeppo (Herbert Marx)

In Memorian

Foram doados pelo arquiteto Izaak Vaidergorn (Campinas, SP), em memória dos idishistas Jacob e Marcos Vaidergorn (editor do primeiro livro em idish em S. Paulo, texto de Elias Lipiner e ilustrações de Lasar Segall, Ed. Mosaik), os seguintes livros:

- Bra, Gerardo. "La organizacion Negra. La increible história de la Zwi Migdal"(Buenos Aires, 1982)
- Korn, Isaac. "Los judíos de Kischeneff" (Buenos Aires, 1950)
- Livi, Livio. "Gli Ebrei Alla Luce Della Statistica. Evoluzione Demografica, Economica e Sociale" (Florença, 1920)
- Neiva, Artur Hehl. *Estudos sobre a imigração semita no Brasil* (1945)
- Rabinowitsch, Wolf Zeev. "History of the Jews of Pinsky. 1506-1941" (Tel Aviv, 1973)
- "Yad L'Yedinitz" (Tel Aviv, 1973)
- "Zdunska Wola" (Tel Aviv, 1968).

Piauí, Clio e Cláudio

Nosso confrade, Cláudio de Albuquerque Bastos (Belo Horizonte, MG), recebeu o Prêmio Clio, concedido pela Academia de História, pelo seu precioso Dicionário Histórico e Geográfico do Estado do Piauí (Teresina, 1994). São seiscentas páginas radiografando o Piauí.

Paulino Ribeiro dos Santos

Faleceu na cidade de Campinas, Paulino Ribeiro dos Santos (1923-1996), z"l., pai de nosso colaborador Paulo Valadares Ribeiro dos Santos.

Genealogistas Portugueses

por Paulo Valadares

Luís de Bívar Guerra

Luís José de Bívar Sousa Leão Pimentel Guerra, em literatura apenas Luís de Bívar Guerra, nasceu em Lisboa e faleceu em Carcavelos (15/05/1904-14/03/1979). Era filho de Carlos José de Sá Leão Pimentel Guerra e Maria Augusta de Bívar Cortez. Apesar de professar a fé católica, corria-lhe nas veias o sangue das mais importantes famílias cristãs-novas portuguesas, o que lhe impulsionou a pesquisar a história dos descendentes dos "conversos", usando para isto a genealogia retirada dos processos inquisitoriais. Luís de Bívar Guerra descendia de cristãos-novos de Bragança pelo lado paterno, e contava entre os seus contra-parentes pelo lado materno, dois judeus importantes na vida norte-americana, Mordecai Manuel Noah (1785-1851) e Uriah Phillips Levy (1792-1862). Ele publicou bastante, mas destacamos alguns trabalhos, que devem ser incluídos obrigatoriamente numa bibliografia sobre história judaica. São eles :

- História Genealógica de uma Família do Alentejo (1949)
- Um caderno de cristãos novos de Barcelos
- Patranha genealógica à volta de um Ex-Líbris
- Bivares em Portugal (Subsídios para a sua história)
- Os Processos Crime da Inquisição e os de Habilitação do Santo Ofício como Fonte Histórica
- A investigação histórica, suas dificuldades, seus problemas e alguns exemplos

Bívar Guerra foi o maior genealogista português contemporâneo e um pioneiro na elaboração de genealogias cristãs-novas.

José Maria Abecassis

José Maria Raposo de Sousa Abecassis, nasceu em Lisboa (19-09-1938). É filho de José Abudarham Abecassis e Maria da Piedade Rapozo de Sousa d'Alte Espargosa. Pelo lado paterno descende das mais importantes famílias sefaraditas originárias de Gibraltar e do norte africano : Abecassis, Conquy, Tedeschi, Ben Saude, Marrache, Nathan, Friedeberg, Abudarham, Taurel, Hadida, Anahory, Amzalak e Benoliel.

José Maria Abecassis, engenheiro de profissão, é o autor da monumental obra "Genealogia Hebraica: Portugal e Gibraltar, séc. 17 a 20", em quatro volumes, quase três mil páginas, mais de centena e meia de ilustrações. Um trabalho seminal, que está esperando historiadores para desencavar de suas páginas, novas leituras que iluminem a parte oculta da história judaica portuguesa contemporânea, e sua inserção na sociedade nacional, depois da ruptura do séc. 15. Esta genealogia ocupa-se dos judeus regressados à Portugal após vários séculos da expulsão. São estas as famílias estudadas por Abecassis:

Abeasis, Abecassis, Abensur, Abitbol, Aboab, Abohbot, Absidid, Abudarham, Acris, Adrehi, Aflalo, Albo, Alkaim, Amar, Amram, Amselem, Amzalak, Anahory, Asayol, Askenazi, Assayag, Athias, Atrutel, Auday, Azancot, Azavey, Azerad, Azelos, Azulay, Balensi, Banon, Baquis, Barchilom, Baruel, Belilo, Benabu, Benady, Benaim, Benamor, Benarus, Benatar, Benbunan, Benchaya, Benchetrit, Benchimol, Bendahan, Bendelack, Bendran, Benelisha, Beneluz, Benhayon, Beniso, Benitah, Benjamim, Benjo, Benmergui, Benmiyara, Benmuyal, Benoalid, Benoliel, Benrimoj,Benrós, Bensabat, Bensadon, Bensalohá, Bensaude, Benselum, Bensheton, Bensliman, Bensusan, Bentata, Bentubo, Benudis, Benyuli, Benyunes, Benzacar, Benzaquen,Benzimra, Berdugo, Bergel, Bibas, Blum, Bohudana, Brigham, Brudo, Buzaglo, Bytton, Cagi, Cansino, Cardoso, Carseni, Castel, Cazes, Cohen, Conquy, Coriat, Cubi, Danan, Davis, Delmar, Elmaleh, Esaguy, Esnaty, Farache, Ferares, Finsi, Foinquinos, Fresco, Gabay, Gabizon, Garson, Hadida, Hassan, Hatchuel, Israel, Kadosh, Katzan, Labos, Laluff, Laredo, Lasry, Lengui, Levy, Malca, Maman, Marques, Marrache, Martins, Massias, Matana, Megueres, Melul, Moreira, Mór-José, Mucznik, Muginstein, Muller, Nahon, Namias, Nathan, Obadia, Ohana, Oliveira, Pacifico, Pallache, Pariente, Pimenta, Pinto, Querub, Roffé, Ruah, Rygor, Sabath, Salama, Sananes, Saragga, Schocron, Sebag, Sequerra, Seruya, Sicsú, Tangi, Tapiero, Taregano, Taurel, Tedesqui, Tobelem, Toledano, Tuati, Uziel, Varicas, Wahnon, Waknin, Wolfinsohn, Zaffrany, Zagury, e outras.

Sistema espanhol de sobrenomes

Ao nascer, a criança espanhola recebe dois sobrenomes, o paterno e o materno, nessa ordem. Por exemplo, nasceu Pablo, filho de José Rodriguez e Maria Sanches. A criança se chamará Pablo Rodriguez Sanches. O Sanchez materno acompanhará Pablo a vida toda, porém não passará aos descendentes de Pablo. Assim, se Pablo casar-se com Paloma Peres, Rodriguez Peres será o sobrenome dos seus filhos.

Nomes de algumas celebridades sob o sistema onomástico espanhol

Abraham Lincoln Hanks
Albert Einstein Koch
Anthony Quinn Oaxaca
Arnold Schwarzenegger Jedrny
Bill Clinton Dwire
Bruce Springsteen Zirilli
Buster Keaton Cutler
Charles Darwin Wedgwood
Charles Dickens Barrow
Charlie Chaplin Hill
Charlton Heston Charlton
Ernest Hemingway Hall
Frank Sinatra Garaventi
George Washington Ball
George Bernard Shaw Gurly
Giuseppe Verdi Uttini
Isaac Newton Ayscough
Johann Sebastian Bach Lämmerhirt
Johann Wolfgang van Goethe Textor
Johnny Carson Hook
Karl Marx Pressburg
Ludwig van Beethoven Keverich
Mike Jagger Scutts
Napoleon Bonaparte Ramolino
Orson Welles Ives
Paul Newman Fetzer
Sigmund Freud Nathanson
Sylvester Stallone Labofish
Thomas Alva Edison Elliot
Thomas Jefferson Randolph
William Shakespeare Arden
Wolfgang Amadeus Mozart Pertl

Estranho Nome

Aqui no Brasil nós já nos acostumamos a ver pessoas portando nomes aparentemente sem sentido… meio malucos até. Lembra dos filhos de Baby Consuelo e Pepeu Gomes? Mas não estamos sozinhos. Também no Primeiro mundo acontece esse fenômeno. Veja os nomes que essas celebridades deram aos seus filhos:

- Dandelion, filha de Keith Richards
- Free, filho de Barbara Hershey
- Satchel, único filho natural de Woody Allen e Maria de Lourdes Villiers, aliás Mia Farrow
- Moon Unit e Dweezil, filhos de Frank Zappa
- Zoowie, filho de David Bowie
- Sage Moonblood, filho de Silvester Stallone

Filhos famosos de mães judias e pais não judeus

1. Niels Bohr (1885-1962), Nobel de Física, filho de Ella Adler
2. Peter Sellers , filho de Agnes Marks
3. Walther Mattau, filho de Rose Berolsky
4. Harrison Ford
5. Lawrence Ferlinghetti, filho de Clemence Mendes-Monsanto
6. Jacó do Bandolin, filho de Rachel Pick
7. Fiorello H. La Guardia (1882-1947), três vezes prefeito de N. York
8. Claudio Besserman Viana, o comediante Bussunda, filho de Helena Besserman
9. Mary McCarthy, escritora, filha de Therese Preston
10. Ingrid Bergman, atriz, filha de Friedel Adler

Lideres de Israel e seus sobrenomes originais

✡ Israel Galili	Berchenko
✡ Yigal Yadin	Sukenik
✡ Shmuel Gonen	Gorodish
✡ David Ben Gurion	Gruen
✡ Pinhas Lavon	Lubianiker
✡ Yigal Allon	Pescovich
✡ Golda Meir	Mabovich
✡ Ephraim Katzir	Katschalsky
✡ Levy Eshkol	Schkolnik
✡ Pinhas Sapir	Koslowsky
✡ Moshe Sharett	Shertok
✡ Ariel Sharon	Scheinerman
✡ Rafael Eytan	Kaminsky
✡ Eliezer ben Yehuda	Perelman
✡ Yitzhak Shamir	Sezrenicki
✡ Shimon Peres	Persky
✡ Yaakov Drori	Dostrovsky
✡ Zalman Shazar	Rubashov
✡ Yitzhak Ben-Zvi	Shimshelevitz
✡ Pinhas Rosen	Felix Rosenbluth
✡ Yizhak Rabin	Rabichov
✡ Moshe Dayan	Deutsh
✡ Amos Oz	Klausner
✡ Shulamit Aloni	Adler
✡ Abba Eban	Salomon

Celebridades que usaram o sobrenome materno

- Lauren Bacall. Nasceu Betty Joan Perske, e era prima de Shimon Perske, aliás Shimon Perez, Primeiro Ministro de Israel. Adotou o sobrenome romeno da mãe, Natalie Bacal, acrescido de um segundo "l" (o nome Lauren foi invenção de Hollywood).
- Mel Brooks. Nasceu Melvin Kaminsky, mas optou pelo sobrenome materno Brookman .
- Rita Hayworth. Nasceu Margarita Carmen Cansino. Usou duas sílabas do prenome, e adicionou o "y" ao sobrenome materno Haworth .
- Diane Keaton. O verdadeiro sobrenome é Hall, o mesmo de Annie Hall. Mas havia outra artista chamada Diane Hall, e por isso ela usou o sobrenome materno Keaton.
- Shirley MacLaine. Ela e seu irmão Warren Beatty começaram a vida artística como os irmãos Beaty. Ele acrescentou um "t" a mais, e ela tomou o sobrenome da mãe.
- Simone Signoret. Nasceu Simone Kaminker, mas adotou o sobrenome materno ao se tornar artista.

- Claus von Bulow. É o personagem retratado no filme Reversal of Fortune por Jeremy Irons, que parecia mas não era aristocrata. Nasceu Claus Cecil Borberg, e após o divórcio dos pais, adotou o Bulow materno incrementado pela aristocrática preposição “von”.
- Theda Bara. Nasceu Theodosia Goodman. Encurtou o prenome e também o sobrenome da mãe, Baranger. Além disso o seu estúdio — a Fox (que na verdade era Fuchs) — inventou a lenda da sua origem misteriosa, e a inversão das letras de seu nome que virava Arab Death.
- Gary Kasparov. Nasceu Gary Kimovich Wainstein, filho de mãe armênia (neé Kasparian) e pai judeu.
- Claudia Ohana. Atriz brasileira, nascida Claudia Pereira da Silva, filha de Nazaré Ohana (auxiliar de Glauber Rocha).
- Vladimir Zhirinovsky. Fascista russo. Nasceu Vladimir Edelstein.

Filhos famosos de pais judeus e mães cristãs

fontes: The Book of Lists , The Jewish Lists

William Cohen (1940 -), Senador/USA
Joan Collins (1933 -), atriz de cinema
Jamie Lee Curtis (1958 -), atriz, filha de Tony Curtis e Janet Lee
Carrie Fisher (1958 -), atriz, filha de Eddie Fisher e Debbie Reynolds
Kevin Kline (1947 -), ator
Paul Newman (1925 -), ator
Joseph Pulitzer (1847 - 1911), jornalista
Jane Seymour (1951 -), atriz
Simone Signoret (1921 - 1990), atriz
Michael Douglas (1945-), filho de Issur Danilovich Demsky (Kirk Douglas)
Niels Bohr (1885-1962), Nobel de Física
Superman (criado por Joe Shuster e Jerry Siegel)
Bambi (criado pelo judeu hungaro Siegmund Salzmann, mais conhecido como Felix Salten)
Olivia Newton-John (1947 -), cantora, neta de Max Born, prêmio Nobel de Física
Goldie Hawn (1945 -), atriz
Yves Montand (1921 - 1994), ator
Leny Kravitz, cantor pop
George Blake (Behar), espião
Millos Foreman, diretor de cinema
José Maria Raposo de Sousa Abecassis, autor de Genealogia Hebraica de Portugal e Gibraltar do século 17 ao 20
Oliver Stone, cineasta, filho de Louis Stone e mãe francesa
Pinky Wainer, pintora, filha do jornalista Samuel Wainer e Danuza Leão
Douglas Fairbanks, filho de Hezekiah Charles Douglas Ulman

Líderes de Israel e seus pais

Levy Eshkol, filho de Joseph Schkolnik e Dvora Krasniansky
David ben Gurion, filho de Avigdor Gruen e Shendel Friedman
Moshe Dayan, filho de Shmuel Deutsh e Deborah Zatolowsky
Abba Eban, filho de Abraham Meier Solomon e Alida Sachs
Nahum Goldman, filho de Salomon Goldman e Rebecca Kwint
Chaim Weizmann, filho de Ozer Weizmann e Rachel Chemerinsky
Yigal Yadin, filho de Eleazar Sukenik e Chassia Feinsod
Yitzhak Rabin, filho de Nehemia Rabichov e Rosa Cohen

Entrevistando Parentes: Conselhos e Dicas

(Fonte: From Generation to Generation, de Arthur Kurzweil, 1994, NY)

- Entreviste as pessoas duas vezes e em dias consecutivos, se possível. A razão é simples. Depois do primeiro encontro, o entrevistado irá dormir e terá sonhos sobre coisas que não pensa há muitos anos. No dia seguinte, a entrevista será espetacular!
- Não faça perguntas que levem a respostas do tipo sim ou não. Evite o estilo interrogatório. Trabalhe as perguntas de modo a que elas provoquem reflexões, causos e piadas.
- Às vezes há um parente que não quer ser entrevistado. Uma forma de motivá-lo é tê-lo presente enquanto você entrevista outra pessoa. O “silencioso” dificilmente resistirá e irá meter sua colher torta um punhado de vezes. Outro truque é mostrar ao “silencioso”, um documento ou fotografia onde ele está envolvido. É tiro-e-queda!
- Fotos antigas inspiram boas conversas. Sentar com parentes, mostrar velhas fotos e pedir para que falem das pessoas e lugares que lá aparecem: -isso funciona!
- Diga aos seus entrevistados que lhes dará notícias das suas descobertas genealógicas. Essa promessa (não deixe de cumprí-la!) é um incentivo que funciona.
- Prepare sua entrevista. Não pense que se improvisa uma boa entrevista. Reflita, prepare material, junte informações, planeje.
- Grave todas suas entrevistas. Até conversas ao telefone podem e devem ser gravadas.
- Se as conversas não forem gravadas, datilografe suas anotações o mais rápido possível. Muitos genealogistas anotam com tal velocidade que algumas horas depois são incapazes de entender o que ele próprios escreveram.
- Entrevistar parentes, especialmente aqueles que você não conhece, requer um bocado de coragem. Sinta orgulho por você estar pesquisando a genealogia da família. Lembre-se que essa pesquisa tem o poder de alterar a vida de uma pessoa. No dia em que algum jovem da tua família estiver à procura da sua identidade, de seu lugar no mundo, ele será beneficiado pela tua pesquisa.

Charlap

A família Charlap é um ramo ashkenazi da família Ibn Yahya, cujos expoentes foram rabinos em Castela e Portugal antes da Expulsão (1492). Esta linhagem possui ascendência na casa real de Judá: segundo a tradição, David Ibn Yahya, falecido em 1385, Rabino-Chefe de Castela, descendia do rei David em 83 gerações. Seus descendentes foram para a Polônia, onde adotaram o sobrenome Charlap, que é um acrônimo "Chefe dos sábios no exílio na Polônia", ou "Chiya, primeiro no exílio em Portugal". Arthur F. Menton, edita o "The Ser-Charlap Family Newsletter", dedicado a registrar a história da família, publicando notícias de nascimento, obituários e artigos históricos.

O endereço para correspondência é : P.O. Box 108, Cold Spring Harbor, N.Y. 11724, tel / fax: (516) 754-1742.

Observações Sobre as Pessoas Que Não Apreciam Genealogia

(Fonte: From Generation to Generation, de Arthur Kurzweil, 1994, NY)

- Há pessoas que acham que genealogia é perda de tempo. Elas tem direito a ter essa opinião.
- Não desanime por causa de pessoas que dizem que voce tem a mente em coisas ultrapassadas, ou que está desperdiçando o seu tempo. Ao ouvir essas opiniões, penso comigo mesmo: "não devo julgar os outros".
- Com frequencia encontro pessoas com idéias erradas sobre genealogia. Elas pensam que é uma cartolina com nomes e datas. É nossa responsabilidade mostrar a elas que genealogia é muito mais. Não chateie as pessoas com histórias infindáveis sobre a sua família; ao invés disso, contamine-as com seu entusiasmo.

Casablanca, o filme de 1942

Roteiro:	Howard Koch (NY, 1903- NY, 1995)
Produtor:	Warner Brothers
Diretor:	Michael Curtiz (nascido Mihály Kertész na Hungria)
Co-roteiristas:	os irmãos gêmeos Philip e Julius Epstein

As filmagens de Casablanca se iniciaram com o roteiro de Howard Koch ainda no começo. Ele escreveu o roteiro à medida que o filme foi rodado. "Era uma competição entre a câmera e o lápis" disse Koch.

Nem Curtiz nem o próprio Koch sabiam como terminar Casablanca: se Ilsa (Ingrid Bergman) ficaria com Victor Lazlo, o marido herói-politicamente-correto ou com o americano cínico-mas-com princípios (Rick / Bogart).

Casablanca chegou aos cinemas logo depois das tropas anglo-americanas terem derrotado as de Rommel e libertarem o Marrocos. Aliás, a estréia de Casablanca foi no mesmo dia da reunião de cúpula entre Roosevelt e Churchill que teve lugar em…Casablanca, Marrocos!

Quantos Judeus há no Mundo?

fonte: The Jerusalem Report, 4/5/95

Estados Unidos	5.800.000
Israel	4.420.000
França	600.000
Russia	600.000
Ucrania	446.000
Canada	360.000
Reino Unido	300.000
Argentina	250.000
África do Sul	114.000
Austrália	100.000
Brasil	100.000
Hungria	80.000
Alemanha	60.000
Uzbequistão	45.000
Moldávia	40.000
México	40.000
Bélgica	35.000
Belarus	34.000
Itália	31.000
Uruguai	30.000
Holanda	30.000
Irã	25.000
Azerbaijão	25.000
Turquia	20.000
Suiça	19.000
Venezuela	18.000
Chile	17.000
Suécia	16.000
Kazakistão	15.000
Romania	15.000
Espanha	15.000
Letônia	15.000
Georgia	13.000
Polonia	10.000
Áustria	8.000
Colombia	8.000
Marrocos	7.500
Dinamarca	7.000
Lituânia	6.500
Slovakia	6.000
Rep. Czeka	6.000
Índia	6.000
Tadjikistão	5.000
Nova Zelândia	5.000
Perú	5.000
Grécia	5.000
Panamá	4.500
Kyrgyzstão	4.500
Bulgária	4.000
Estônia	3.000
Etiópia	3.000
Sérvia	2.500
Costa Rica	2.500
Tunísia	2.500
Croácia	2.000
Hong Kong	2.000
Turkmenistão	2.000
Porto Rico	2.000
Irlanda	1.800
Finlândia	1.300
Equador	1.000
Japão	1.000
Noruega	1.000
Zimbabwe	975
Paraguai	900
Yemen	800
Guatemala	800
Bolívia	700
Gibraltar	600
Luxemburgo	600
Mônaco	500
Kenya	450
Bósnia	400
Cuba	400
Ilhas Virgens	400
Curação	350
Zaire	320
Síria	300
Armênia	300
Portugal	300
Jamaica	300
Singapura	300
Thailândia	200
Bahamas	200
Iraque	200
R. Dominicana	150
Suriname	150
Honduras	120
El Salvador	120

Países com menos de 100 judeus: Egito, Philipinas, Indonésia, Coréia do Sul, Taiwan, Botswana, Zâmbia, Aruba, Argélia, Moçambique, Barbados, Namíbia, Trinidad e Tobago, Líbano, Bermuda, Chipre, Eslovênia, Albânia, Guiné Francesa, Martinica, Malta e Swaziland.

SOCIEDADE GENEALÓGICA JUDAICA DO BRASIL
Rua Jardim Ivone 17 # 23
04105-020   São Paulo   Brasil

IMPRESSO